

PARA LOS POBRES, LO MEJOR!

Entrevista com o professor Maurício Couto Polidori

Gustavo Maciel Gonçalves¹

Apresentação

Entrevista realizada com o prof. Maurício Couto Polidori, atual diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL, sobre o tema das Ocupações na Cidade. Segundo o dicionário, a palavra ocupação significa: “ato de apoderar-se de algo ou de invadir uma propriedade; posse”. Certamente, o tema “ocupação” representa uma dualidade curiosa em suas discussões, que começa na própria significação da palavra e vai até as mais complexas dinâmicas urbanas. E a referida dualidade que é simbolizada pelo legal e o ilegal; o rico e o pobre; o público e o privado; o branco e o negro, tem repetidamente sido intermediada por um limite: o conflito.

Entrevistado

Maurício Couto Polidori - Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Federal de Pelotas, é o atual diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da referida universidade. Possui especialização em Planejamento Energético e Ambiental pela UFRGS, mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS – PROPUR (Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional) e doutorado em Ciências pela UFRGS-PPGECO (Programa de Pós-Graduação em Ecologia).

Entrevistador

Gustavo Maciel Gonçalves.

Roteiro

Gustavo Maciel Gonçalves.

Gustavo: Maurício, de acordo com a tua experiência e competência profissional relacionadas às situações impostas pela cidade contemporânea, como se têm ocupado a cidade? (tendo como sugestões de temas a ocupação do solo, dos espaços públicos, de mobilidade, etc.)

Maurício: Ahn, Gustavo, Dudu, e pessoal da Revista Pixo, pra responder a questão da cidade sobre ocupação, eu acho legal nós pensarmos que existem várias maneiras de se realizar a tal da ocupação do espaço da cidade. Uma muito simples e muito usual foi feita com a invasão do Brasil! O Brasil foi ocupado. Todas as terras eram públicas no Brasil, todas! Afinal a população indígena não tinha propriedade privada. A propriedade privada foi inventada em 1850, por aí. Antes não. E muito antes disso se usava o solo, em parte com interesses individuais e em parte com interesses coletivos, mas não se tinha um dono que mandava em tudo. No caso brasileiro, e da América Latina nós tínhamos os índios, que tinham sua hierarquia mas “ocupavam a terra”.

E antes dos índios, ocupavam a terra outras pessoas. E antes das pessoas, ocupavam a Terra outras formas de vida. E antes de existirem as formas de vida... os animais e os vegetais, provavelmente existiam outras organizações que ocupavam o cosmos. Então essa ideia de ocupação tem de ser alargada. Ocupação não é só um sujeito que não tinha propriedade e que foi lá e ocupou. O ato de ocupar foi um jeito que as pessoas deram de se apropriar de algum lugar.

Os portugueses quando chegaram aqui, deram um jeito de se apropriar na marra! Chamaram isso de descoberta, mataram os índios e disseram “É meu!”. Depois a terra brasileira foi mudando e o modo de apropriação do solo brasileiro também e a Coroa Portuguesa disse: “Não, é meu! Lá em Portugal tão invadindo e é pequeno, então é meu!” Então a Coroa Portuguesa ocupou o Brasil. Pegou navio, pegou guerreiro, pegou canhão, pólvora e veio ocupar o Brasil.

O ato de ocupar não é um ato apenas de pobres, nem é um ato apenas de quem não tem. Às vezes é um ato de ricos e de quem quer mais. E às vezes é um ato de pobres e de quem não tem. Por isso a primeira ideia que temos que ter sobre ocupação é que esta não tem sido considerada uma perversidade. Particularmente no caso brasileiro, a ocupação do solo foi indicada pela coroa que dava as terras para as pessoas: “Vai lá, tudo que tu ocupares é teu! Tudo que tu conseguires manter e cercar é teu!”. Este foi um jeito de ocupação que foi considerado oficial.

O “gáúcho”, o gaúcho, dos “*plagos*”, brasileiros, uruguaios e argentinos ocuparam de outra maneira. Ocuparam livres! A música do Noel Guarany: “Vaaai potro sem dono, vaaai, livre como eu” não é verdade? Então, *buenas*, ocupação não é só de um sujeito que veio da África e ocupou o calçadão e foi tirado à força pela Polícia Municipal a qual botou as culpas no Plano Diretor, como aconteceu há 30 dias atrás aqui em Pelotas. É uma situação muito maior. As instituições têm ocupado o solo terrestre historicamente. Só que tem uns modos de ocupação que são considerados bons e outros que são considerados maus. Uns que são considerados legais e outros que são considerados ilegais.

Então, na verdade, a ocupação do solo da cidade faz parte da história da cidade! Sem ocupação, não existiria a cidade. A existência da cidade em si é a ocupação do território e a sua transformação. A ocupação não é um ato de ilegalidade ou de transtorno social, ou uma, sei lá, uma coisa nefasta! A ocupação deveria ser considerada como uma prática de fazer as cidades.

Só que tem umas formas de ocupação que tem registro, que no cartório diz o nome da pessoa, diz que data que ela ocupou e todo o mundo bate palma e acha bonito! E tem

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, tendo previamente concluído o curso de Técnico em Edificações pelo Instituto Federal Sul-Riograndense Campus Pelotas. Recentemente realizou período de graduação sanduíche na Universidade de Limerick, na Irlanda, através do programa Ciências Sem Fronteiras, onde realizou projeto de pesquisa em Planejamento Urbano.

outros que não, que dizem que é uma perversidade.

No caso específico da cidade contemporânea, esta ideia se reflete muito bem! Se o sujeito é proprietário da terra, do solo, que ele obteve por ocupação, se está escrito no papel, muito bem, ele pode colocar uma loja, vender camisas, vender sapatos, vender mercadorias quaisquer. Se ele não é proprietário da terra resta-lhe o espaço público.

Bom, então como não há mais o processo escravagista em que os negros e aqueles que eram prisioneiros não podiam sair na rua, agora estes podem sair na rua, por hipótese né? Resta a estes o espaço público. Bom, então o que eles vão fazer? Eles vão exercer as mesmas atividades que os outros seres humanos exercem no espaço público! No espaço privado a gente vai no banheiro, no espaço público a gente tem que ir no banheiro também! No espaço privado a gente quer tomar banho, deveria ter onde tomar banho no espaço público, porque o que mudou é apenas o modo de ocupação. As pessoas são as mesmas e as suas necessidades básicas são as mesmas.

Vamos ver o caso dos moradores de rua: os moradores de rua ocuparam a rua para fins habitacionais. Onde está o problema? O problema está que a rua não está preparada para ser hospitaleira, para ser habitada. A rua não tem as coisas que uma habitação tem que ter. Então, quando há uma ocupação para morar no meio da rua, a gente tem que mudar é a rua! A rua tem que ter cama, proteção do vento, banheiro, armário pra guardar as coisas. “Ah, mas tem até cachorro!”. As pessoas querem ter cachorro, então tem que ter o lugar pro cachorro.

Normalmente as situações impostas pela cidade contemporânea dividem os seres humanos naqueles que fazem a ocupação do bem e aqueles que fazem a ocupação do mal. Nós, arquitetos e urbanistas, nós, aqui na faculdade de arquitetura devemos repelir isto. Os seres humanos e as outras formas de vida... por que é muito interessante isso, quando se fala em qualidade de vida, a gente pensa nas pessoas. Existe um livro chamado “Cidade para as pessoas”. Eu preferia que o livro se chamasse “Cidade para a vida”, porque existem as minhocas, as formigas, os cachorros, os cavalos, as vacas. Agora, nesse momento, hoje, devem ter ocorrido milhares de assassinatos! Milhares de assassinatos. Impunes! Impunes! Desgraçadamente impunes! Muito mais do que na guerra! De vacas! E as pessoas, além de torturar e assassinar as vacas, vão comer elas depois. É uma coisa terrível! E as galinhas, nos aviários? Que tem o dia artificializado, as horas do dia são modificadas pra botar ovo... apaga a luz... acende a luz... apaga a luz... acende a luz. Então as galinhas estão sendo torturadas, agora nesse momento, porque a forma de ocupação do território das galinhas não é aquela do aviário! A forma de vida das vacas não é aquela dos matadouros. Então quando a forma de vida dos seres humanos é achincalhada e as pessoas são condenadas: “Este ocupou o que não é seu!”, é mais ou menos o que nós fazemos com as outras formas de vida.

Assim os problemas da cidade contemporânea passam por uma complicação atrapalhada em que uns têm direito a algumas coisas e outros não têm. Os que têm, é porque a instituição legitimou a sua forma de ocupação, e deslegitimou, automaticamente, as outras, como uma maneira de concentrar benefícios e concentrar dinheiro nas mãos de determinados grupos. Nós, da faculdade de arquitetura, temos que repelir isso, porque a ocupação do solo, dos espaços públicos e a mobilidade deveria ser igual para todas as formas de vida.

E mais, existem componentes do nosso planeta que não têm vida biológica, como é o caso das águas. A água é fonte de vida, mas a água em si, ela não tem a mesma forma de vida de um pássaro. A água em si, é um mineral, e carrega outros minerais. Então também tem isso. Como é que as águas ocupam o solo? Aqui em Pelotas mesmo,

tiraram a água do leite natural e botaram num leite artificial perto da rodoviária. Depois todo mundo reclama que as coisas não funcionam, que enche d’água e que alaga. É lógico! A forma de ocupação do solo que nós temos não respeita a forma natural das águas ocuparem o solo, assim como não respeita a forma natural do homem ocupar a cidade. A forma natural do homem ocupar a cidade é: ele tem que comer, beber, fazer sexo, estudar, se relacionar com as outras pessoas. Como é que um morador de rua faz sexo? É um problema né? Não há privacidade. Então nós enfrentamos uma série de dificuldades em função de uma concepção estereotipada, baseada num processo de acumulação de riquezas na mão de meia-dúzia. E nós na faculdade de arquitetura temos que estar atentos.

“Que horror, dormem debaixo de marquises!”. Sim, mas é melhor debaixo da marquise que fora da marquise. Aí alguns bancos em São Paulo colocaram chuveiros nas marquises. Chuveiros das marquises. Pra que quando os pobres se deitassem ali “xum!”, caia aquele aguaceiro e o pessoal tinha que ir embora. É uma coisa gravíssima, é uma forma de ocupação do solo terrível, que impede que as pessoas usem a marquise do banco.

Então, não só a minha experiência, mas a minha reflexão sobre a nossa competência profissional, sobre o nosso papel em relação à cidade contemporânea, me faz ver esse tema criticamente, de modo que nós tenhamos que, pra início de conversa, legitimar todas as formas de ocupação, e passarmos a relacionar as demandas das pessoas, suas necessidades, seus desejos, suas intenções de futuro, de presente né? E adaptar e ajustar a cidade à essas demandas.

Gustavo: Tens algo mais a acrescentar sobre essa dualidade de dinâmicas em torno da palavra “ocupação” na cidade, principalmente do ponto de vista social?

Maurício: Buenas, é mais ou menos o que falei não é? Eu acho que aqui esta segunda pergunta está mais ou menos respondida. Agora, eu acho interessante, às vezes, essas brincadeiras com as palavras: “ocupa-ação”! Ocupação! Então se nós separarmos o “ocupa” e o “ação”, do ponto de vista social, a gente tratou do “ocupa”, na fala anterior. Mas e da ação? Qual é o papel de uma faculdade de arquitetura? Quem são nossos parceiros? Que tipo de ação nós vamos ter? Que tipo de reação nós teremos quando encontrarmos os moradores de rua em Porto Alegre, morando debaixo do viaduto? Uma “ação” é colocar um monte de pontas de aço e pedras de ponta e coisas horríveis pra expurgar as pessoas dali, não é? Outra “ação” é nós vermos: como nós podemos receber as pessoas melhor debaixo de um viaduto! O viaduto é que ta mal, não são as pessoas, eu volto a insistir nisso!

Gustavo: Finalmente, na cidade de Pelotas, qual a situação dos diversos tipos de ocupação anteriormente abordados?

Maurício: Olha, Pelotas é uma cidade que se formou na base da especulação imobiliária! Como muitos de nós sabemos, Pelotas não tem aquela formação clássica da cidade de fronteira, onde a praça central tem a matriz da igreja central... a principal igreja na principal praça. Nós temos a principal igreja numa pracinha, e uma “praçona”, um “pração maior” sem a igreja. Por quê? Por que houve um golpe imobiliário entre 1815 e 1835. Com a quase chegada na Revolução Farroupilha, os “cara” deram um jeito de transferir o centro da cidade e ocupar o 2º loteamento, porque no 1º loteamento já haviam negros livres, trabalhadores europeus pobres e lotes pequenos. E a igreja, a Catedral Metropolitana de Pelotas sendo feita... então o pessoal pensou “bom, vamos fazer uma praça maior! Vamos dar um terreno pra Mitra, pra fazer uma igreja nova que é aonde está o edifício inacabado aquele que a Mitra vendeu pra pegar uma grana depois. Ah, mais o mercado, mais a prefeitura, câmara de vereadores, biblioteca, hotel

e os nosso casarões, bem grandes e bem bonitos na volta de tudo isso.

Então, esse foi o modo de ocupação. A história da cidade de Pelotas está vinculada a essa ocupação: “Porque ocuparam de um modo, nós ocupamos de outro! Como não quero conviver com os pobres, crio uma cidade nova em 1835!” Esse processo de exploração do solo que muitos chamam de “gigolô de casa”. Em Pelotas a profissão principal é de gigolô, que explora alguma coisa em seu nome. E isto que se explora é o solo! Então se explora as casas, as sociedades...

Na cidade de Pelotas, nós temos um acirramento desses problemas que é fortemente disfarçado. Pelotas é uma cidade xadrez, de tecido xadrez. No centro! Pelotas é uma cidade que tem patrimônio histórico. No centro! Pelotas é uma cidade que tem pavimentação e esgoto. No centro! Pelotas é uma cidade que... no centro!

Assim nós temos uma ocupação do centro pelas classes dominantes insuportável. Insuportável! Nós fizemos um projeto há anos atrás aqui na FAUrb que era de reutilizar o os prédios abandonados pela classe dominante e ocupá-los com habitação de baixa renda, reapropriando e ressignificando o centro da cidade.

Na Colômbia, com essas mudanças que aconteceram, depois do combate ao narcotráfico e tudo isso, apareceu uma frase bem interessante de arquitetos: “*Para los pobres, lo mejor!*”... “Ah nós vamo fazê um projeto aqui pros pobre, então vamo fazê de qualquer jeito, afinal de contas, são pobres!”. Errado: “*Para los pobres, lo mejor!*”. Se isto fosse verdade, e se o centro da cidade é melhor, então nós vamos colocar os pobres no centro da cidade e ocupá-la, e se não tiver terreno privado, vamos ocupar o meio da rua.

E é isso que nós arquitetos devemos pensar quando vemos a cidade movimentada e ocupada pelas pessoas. Elas estão no meio da rua porque não tem lugar privado pra ficarem! Se tivesse ficariam... num belo apartamento com ar condicionado e piscina... iriam! Então as pessoas vão e ficam como estão porque o modo de ocupação do território historicamente a excluiu de benefícios e de facilidades. Esse é o pensamento que o arquiteto tem que ter: crítico! Com olhar aguçado, que não se deixa enganar por papel e ocupação historicamente produzida, apropriação indébita daquilo que é bom na cidade!

Gustavo: Muito obrigado Maurício, por compartilhar conosco o teu conhecimento, experiência e reflexão!